



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Um rito, duas missas: quantos catolicismos? ? Materiais e sensações na ?missa tridentina?

Autoria: Lucas Vanni (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Neste work, procuro dar atenção às expressões materiais e sensoriais presentes na celebração de missas católicas de acordo com o ?rito tradicional?. Esse rito, conhecido pelo uso do latim e do canto gregoriano e por usualmente ser celebrado com o sacerdote de costas para os féis difere bastante do cenário de ?missas inculturadas? e com forte apelo carismático com que pensamos o catolicismo contemporâneo no Brasil. Entretanto, na última década, é crescente o número de comunidades a adotar o ?rito tradicional? ou ?rito tridentino? em suas práticas litúrgicas, caso das comunidades de Porto Alegre que venho acompanhando por meio da realização de work de campo. Esse crescimento foi possibilitado pela publicação de um documento do Papa Bento XVI, em 2007. Esse documento reconhece que a ?missa tradicional? e a ?missa nova? são ambas expressões, duas formas de um mesmo ?rito romano?. A ?missa tradicional? seria aquele celebrado de acordo com um missal promulgado nos anos 1960, mas que se propõe em conformidade com o que fora decretado, no século XVI, pelo Concílio de Trento, razão por que é chamada ?missa tridentina?. A ?missa nova? adota um outro missal dos anos 1960, feito depois do Concílio Vaticano II, e que foi produzido no contexto de uma reforma que possibilitou, entre outras coisas, a celebração em línguas vernáculas. Para a hierarquia eclesial, a diferença desses ritos refere-se à ?forma?, não afetando a ?essência? do rito eucarístico. Trata-se, portanto, de diferenças atinentes a aspectos materiais e/ou sensoriais: vestes, objetos, cantos, símbolos, postura corporal etc. A partir do work de campo etnográfico, busco identificar como essas diferenças materiais e sensoriais produzem experiências diversas do catolicismo. Sigo compreensões mobilizadas por interlocutores de pesquisa e em textos acerca das controvérsias a respeito dessas missas, a fim de entender se e/ou como diferentes catolicismos são feitos por essas ?formas? e se e/ou como a ?essência? da missa é feita diferencialmente por esses aspectos materiais e/ou sensoriais.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: